

**VOCABULÁRIO DOS CASTANHEIROS DO PARÁ
VALORES CULTURAIS E LINGÜÍSTICOS**

Maria Margarida de Andrade (UMack)

RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar as relações entre valores lingüístico/culturais e vocabulário dos falantes de um grupo sociolingüístico: castanheiros de Marabá, estado do Pará. Para proceder à análise dos valores culturais e lingüísticos, inicialmente, será feita uma breve conceituação de cultura, língua e linguagem. Em seguida, com base no vocabulário dos castanheiros da região de Marabá - PA, extraído de 53 entrevistas gravadas, com informantes de ambos os sexos, procurar-se-á estabelecer as relações acima referidas, dentro do contexto da linguagem em questão. As conclusões evidenciarão, certamente, as relações íntimas entre vocabulário e valores socioculturais e lingüísticos.

Palavras-chave:

língua; linguagem; contexto; ondas lingüísticas; códigos culturais

INTRODUÇÃO

Para evidenciar as relações entre vocabulário e valores culturais, nada mais adequado que valer-se da análise de uma linguagem restrita a um pequeno grupo de falantes pertencentes a uma comunidade sociocultural bem delimitada. Este é o caso dos castanheiros de Marabá, estado do Pará, tema da dissertação de Mestrado: *Linguagem e Cultura dos castanheiros da região de Marabá – Pará*, apresentada à FFLCH da USP pela autora deste trabalho.

Marabá se localiza na região sudeste do Pará, às margens do rio Tocantins, na região limítrofe dos Estados do Maranhão e Goiás, onde se encontra a maior concentração de castanhais da Amazônia.

Embora os 53 informantes entrevistados para a constituição do corpus da referida dissertação de mestrado não admitissem ter ou exercer a profissão de castanheiro, declaravam que desde o tempo da adolescência retornavam de onde quer que estivessem para trabalhar na coleta da castanha. Foi assim constatada a existência de um grupo sociocultural formado por castanheiros, que vivem de forma semelhante, cultivam os mesmos hábitos e, sobretudo, falam a mesma linguagem.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Pode-se afirmar que a linguagem dos castanheiros constitui um micro-sistema, inserido em outro sistema, o da linguagem regional, que se inclui no macro-sistema da linguagem geral do Brasil. Além de ser uma variante da linguagem popular do Brasil, classifica-se também como linguagem profissional, uma vez que se caracteriza como linguagem especial, ligada a uma atividade profissional.

LÍNGUA, LINGUAGEM E CULTURA

As línguas são produtos da cultura, dessa forma, as mudanças na cultura determinam mudanças lingüísticas e vice-versa.

Pais (2005: 155-156) assim se manifesta a respeito do assunto:

A língua e os seus discursos, juntamente com as semióticas não-verbais, conferem a uma comunidade humana: a sua memória social; a sua consciência histórica; a consciência de sua identidade cultural; a consciência de sua permanência no tempo.

A respeito da linguagem, o autor acima citado afirma que são as linguagens que atribuem ao ser humano sua condição humana, e acrescenta que a riqueza do homem é a sua diversidade lingüística, cultural, social e histórica.

A linguagem constitui um dos mais significativos traços da cultura de uma comunidade, por meio dela é possível deduzir-se os valores sociais, morais e culturais, a mundivivência de determinado grupo.

A constituição do léxico, especialmente para um tipo de linguagem fechada, como a dos castanheiros, assume grande relevância. Sapir (1969: 45 e 51), traduzido por Câmara Jr. diz:

O léxico de uma língua é que mais nitidamente reflete o ambiente físico e social dos falantes. O léxico completo de uma língua pode se considerar, na verdade, como o complexo inventário de todas as idéias, interesses e ocupações que açambarcam a atenção da comunidade; [...] que o léxico assim reflita em alto grau a complexidade da cultura é praticamente um fato de evidência imediata, pois o léxico, ou seja, o assunto de uma língua, destina-se em qualquer época a funcionar como um conjunto de símbolos, referentes ao quadro cultural do grupo.

A linguagem caracteriza a situação social, econômica e cultural de uma comunidade, pois constitui a expressão da cultura e da

sociedade, sendo ao mesmo tempo, parte integrante delas.

Quando se fala em *cultura* ou em relações com a cultura, vem à tona uma multiplicidade de conceitos e definições associados a esta palavra. O conceito de cultura é ao mesmo tempo relativo e universal. Há o conceito de cultura como soma de bens culturais, traduzindo a tensão homem-natureza. Há também o significado de cultura como civilização, em oposição à barbárie. A definição de cultura que melhor se conforma à Pedagogia é a de “um patrimônio de conhecimentos e competências, de instituições, de valores e de símbolos, constituído ao longo de gerações e característico de uma determinada comunidade humana.” Do ponto de vista sociológico, cultura se define em termos de normas e valores compartilhados pelos membros de um grupo social. Do ponto de vista semiótico, o conceito de cultura pode ser considerado coextensivo ao de universo semântico. Greimas e Courtés ([1981]: 93) opinam que “o projeto de uma semiótica da cultura precisa convocar o universo semântico — em particular seus dois componentes macrossemióticos que são a língua natural e o mundo natural — e tratá-lo como uma semiótica-objeto com vistas à construção de uma metassemiótica chamada ‘cultura’”. Já Pais (2006) ensina que “a semiótica das culturas tem por objeto de estudo as culturas humanas e sua diversidade. Nessas condições, determinada cultura só pode ser caracterizada por oposição às demais, seja as que lhe são contemporâneas, sejam as que se situam no passado.” De acordo com esse raciocínio, uma comunidade linguística e sociocultural pode ser definida como um complexo que compreende uma língua, práticas semióticas não-verbais e sincréticas (ou complexas), práticas técnicas e um saber compartilhado sobre o mundo, próprio de seus membros. Na moderna acepção, cultura passou a ser definida como o sistema de significações por intermédio do qual uma ordem social é comunicada, reproduzida, vivenciada. “Portanto, a cultura compreende especialmente todas as formas de representar o mundo exterior, as relações entre os seres humanos, os outros povos, e os outros indivíduos.” (Dubois, 1978: 163).

Em suma, uma comunidade sociocultural e linguística deve ser analisada por intermédio dos *códigos culturais* tais como se apresentam nela. Língua, linguagem e cultura são os códigos culturais cuja análise é indispensável e que podem ser sucintamente definidos: *cultura* é a memória coletiva, não hereditária; *língua* é o mecanismo

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

semiótico de transmissão de mensagens por intermédio de um conjunto de signos específicos; *linguagem* é um sistema que serve de meio de comunicação e que se utiliza de signos. No sentido semiótico mais amplo do termo, é o sistema organizado de geração, organização e interpretação da informação.

CONTEXTO HISTÓRICO-ECONÔMICO-SOCIAL DA LINGUAGEM

Mesmo depois de iniciado o lento e difícil processo de colonização do Brasil, Portugal demorou a se preocupar com a Região Norte, que, no entanto, era alvo da cobiça de muitas nações estrangeiras, atraídas pelas riquezas naturais do País. Encorajados pelo descaso da coroa portuguesa na ocupação efetiva de tão vasto território, franceses, holandeses e ingleses tentaram várias incursões pela região amazônica. Entretanto, a Amazônia permaneceu durante séculos numa situação de grande isolamento, com relação ao próprio Brasil.

A economia da região, historicamente fundamentada na atividade extrativista, baseou-se primeiramente na exploração e comércio da borracha. Entrando em declínio, o comércio da borracha foi cedendo lugar à exploração da castanha, que herdou da extração da borracha muitas das suas características. A exploração da castanha é atividade designada pelos castanheiros como “torar castanha”, “partir castanha” ou “tirar castanha”. Como a safra da castanha ocorre apenas de janeiro a junho, época da estação chuvosa na região, o castanheiro vê-se na contingência de procurar outras ocupações que lhe garantam a subsistência nas outras épocas do ano.

Assim, ele é castanheiro na época das chuvas, e no período da seca, geralmente é garimpeiro ou lavrador, “juquireiro”, tropeiro, ou seja, trabalhador braçal. Os coletores de castanha ou castanheiros, são contratados verbalmente pelos proprietários dos castanhais, sem qualquer vínculo empregatício que lhes garantam algum direito trabalhista. Recebem por adiantamento o “abono” ou “aviação”, geralmente uma quantia em dinheiro, destinada à subsistência da família, enquanto estão trabalhando no castanhal, onde permanecem por vários meses, ainda mais isolados, dentro do isolamento regional.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Depois de receber o abono, os castanheiros são encaminhado para os administradores, que supervisionam o trabalho dos “encarregados”, que têm sob seu controle o “barracão” de mercadorias, uma espécie de cantina que supre os castanheiros principalmente de sal, farinha e munição para a caça de subsistência. Os “encarregados” são também os responsáveis pela anotação da “produção” de cada castanheiro e pelo trabalho dos tropeiros, que “arriam” a castanha. Às vezes a castanha é transportada pelos rios, nos “batelões”; à tripulação dos barcos é dado o nome de “marinheiros”, o remador ou “remeiro” é chamado “porco-d’água”, o “maquinista” é o co-piloto; “motorista” é o condutor do barco e chefia os demais trabalhadores, não participando dos trabalhos de carga e descarga da mercadoria.

No final da safra é feito o acerto de contas: o castanheiro entrega ao “encarregado” os “vales” da “produção”, os gastos feitos no “barracão” e o “aviamento” são descontados, para a verificação do “saldo”, geralmente negativo. A maioria dos donos de castanhais não permite que o saldo negativo seja pago com trabalho de “juqueiro” ou outro trabalho braçal. O castanheiro, porém, considera ponto de honra trabalhar na próxima safra para pagar o débito, obrigando-se a trabalhar para o mesmo patrão, nas mesmas condições, por várias safras consecutivas.

A LINGUAGEM NO CONTEXTO

As várias expedições realizadas durante o processo de penetração e colonização do Centro-Norte, por volta da segunda década do século XVII, a febre da mineração, que no século XVIII levou até a região do Tocantins os bandeirantes mais ousados e, principalmente, a frente pastoril, que no início do século XIX avançou até perto da região onde se situa Marabá, foram responsáveis pelo povoamento da região.

O fato de o antigo povoado de Marabá tornar-se eixo da colonização portuguesa na região Itacaiúnas/Tocantins contribuiu grandemente para ocorrência de termos do português setecentista, alguns considerados arcaicos, até mesmo em Portugal. Das densas florestas amazônicas vieram os termos indígenas usados na região, acompanhando a indispensável ajuda do aborígene ao elemento branco, no

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

sertão. Mais tarde, a partir da década dos 50, com a abertura de grandes rodovias, ocorreu uma vultosa migração de nordestinos que se fixaram na região, trazendo a contribuição dos seus falares à linguagem regional. Mesmo assim, o isolacionismo lingüístico da região não foi quebrado, pelo fato desses migrantes serem oriundos de regiões que também apresentam grande conservadorismo lingüístico. Segundo Silva Neto (1976: 184) “o contato produz a civilização, enquanto o isolamento condiciona o que se tem chamado uma cultura de “folk”. (...) o isolamento provoca um máximo de estabilidade e um mínimo de mudança social”. Lembre-se, porém, que a evolução dos hábitos, do modo de viver, qualquer mudança no contexto, provoca mudanças na linguagem também.

CARACTERÍSTICAS DA LINGUAGEM DOS CASTANHEIROS

Uma das características mais notórias da linguagem dos castanheiros é o aspecto arcaizante. Segundo a opinião dos lingüistas, todo falar regional apresenta um caráter conservador, que se faz sentir intensamente na região de Marabá, fadada, até um passado relativamente recente, ao isolamento quase total. Antes da abertura das rodovias, a única via de comunicação a ligar o município com outras regiões era a navegação fluvial, impraticável durante o período de estiagem e também no período das grandes enchentes, comuns na região.

O conservadorismo lingüístico, portanto, pode ter sido responsável pelo grande número de arcaísmos e regionalismos observados na linguagem dos castanheiros. Alguns autores afirmam que se pode encontrar, subjacente a todas as linguagens regionais do País, um substrato do português seiscentista. O grande número de arcaísmos vigentes na região, bem como o fato de vários termos de uso corrente acharem-se registrados em diversos glossários e vocabulários regionais parecem confirmar essa tese.

O grande número de palavras de origem tupi empregado na região se refere principalmente às denominações da flora, da fauna, dos utensílios em geral e das técnicas agrícolas.

Apesar das invasões francesas na Região Norte e das tentativas de ocupação por parte dos ingleses, holandeses e irlandeses, os

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

estrangeirismos vigentes na linguagem dos castanheiros são relativamente poucos. O uso de palavras de origem africana é limitado aos termos incorporados à língua geral do País. Nota-se, porém, que os termos usados na Região do Brasil Central ocorrem em grande número. Subsistem, ainda, alguns vocábulos da linguagem regional da Bahia (médio São Francisco) e de São Paulo.

Em suma, cada um dos elementos constituintes da linguagem regional deixou, com maior ou menor influência, a marca de sua contribuição para a linguagem dos castanheiros.

Fato curioso é que, apesar do isolamento, a linguagem dos castanheiros não apresenta características muito diferentes de outras linguagens regionais do País. Naturalmente, no nível léxico-semântico verificam-se traços bem específicos.

Ao contrário da hipótese inicialmente levantada, segundo a qual a fala dos mais velhos é mais conservadora e a dos mais jovens mais inovadora, verificou-se que na fala dos mais velhos e mesmo na dos mais jovens, nas localidades de acesso difícil, apresentam-se mais nitidamente as características arcaizantes. Comprovou-se, desta forma a teoria das “ondas lingüísticas”, de que fala Silva Neto (1976: 189 e 190):

À volta das cidades existem áreas por elas influenciadas. As *ondas lingüísticas* irradiadas das urbes, vão-se amortecendo à proporção que caminham para a periferia.

Confirma-se, pois, o princípio de que as áreas mais isoladas são mais arcaicas. [...]

As cidades são centros de cultura e de educação [...] Os habitantes do campo se empenham em imitar os da cidade. Esta funciona, pois, como um centro propulsor de civilização, e dela partem ondas lingüísticas planificadoras.

De fato, constatou-se que nas localidades mais distantes da cidade de Marabá, a linguagem, inclusive dos jovens, apresentava fortes traços do conservadorismo lingüístico. Na fala de todos os informantes, em geral, transpareceu o empenho em falar “moderno”, como as pessoas das cidades.

A linguagem dos castanheiros, integrante da linguagem regional, apresenta aspectos semelhantes aos de outras regiões: é colorida, por muitas onomatopéias, metáforas, comparações, expressões

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

cristalizadas, provérbios e modos de dizer jocosos. São expressões comuns na linguagem dos castanheiros: *dá-si u nomi; é u siguinti; liais* ou *aliaisi*, numa hipotís; *torá castanha; quebrá jabuti; deus u livri* e outras. As onomatopéias são intercaladas nas frases, dinamizando a linguagem; por exemplo: *chu, chu, chu*, mexendo dentro d'água; *tum, tum, tum*, enchendo o paneiro; *vapu, vapu*, ralando; *tan,tan!*, bate o facão; *chô, chô*, sacode dentro da garrafa; *quíá, quíá*, ralando; *pan!pan!* o tiro de chamada; *pau, pau, pau*, cortando; *tchaa! tá- ta -tá*, despejando a castanha, e muitas outras.

Os provérbios cunhados na região são constantemente usados: “*si dinheru fedessi, urubu andava atrais di mim*” ou seja, bamburrei, tenho muito dinheiro; “*vindi até u galu du terrero*” – vendi tudo que possuía; “*U sujeitu ta cum aris di burru sumidu*” – está triste, deprimido; “*É gostosu qui é um venenu!*” – é muito gostoso, é bom demais; “*Nóis ri pur conta*” ou “*Nóis leva a vida pur conta*”; viver de modo independente. Para entrar na mata: “*Era armadu. Rilijosamentu armadu!*” – só se entra na mata armado. “*Leva u facão, leva a ispingarda, leva u paneru, dois paneru, pra tirá u azá.*”

Essas expressões ocorreram em várias entrevistas; outras, menos empregadas, não foram aqui referidas.

RELAÇÕES LINGÜÍSTICO-CULTURAIS NA LINGUAGEM DOS CASTANHEIROS

O aspecto léxico-semântico da linguagem dos castanheiros evidencia a identidade entre língua e cultura, ou simplesmente, as relações entre língua e realidade social. Tome-se, por exemplo, o verbo “*escapar*”, com o sentido de viver ou sobreviver e o adjetivo “*véio*”, na acepção de inútil, sem valor. No ambiente hostil, de mata fechada, que alia a generosidade da natureza ao perigo representado pelos animais selvagens, pelos rios imensos, que oferecem alimento e transporte, a par de enchentes catastróficas, viver significa, literalmente, “*escapar*” das forças naturais incontroláveis e das precárias condições de vida. Nesse contexto, “*véio*” só pode ser inútil, insignificante, sem valor, pois ao velho, faltam-lhe forças para lutar contra as condições adversas da vida. “*Amarrar o facão*” é expressão mais ou menos correspondente ao “*pendurar as chuteiras*” e designa a im-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

potência sexual masculina ou a menopausa, nas mulheres. Quem “amarrar o facão” não pode “*torar castanha*”, isto é, já não está apto a enfrentar o serviço pesado, a luta pela sobrevivência. O verbo “*bamburrar*”, que significa enriquecer inesperadamente, no garimpo, é muito empregado na região. Diz um informante: “*Eu gosto du garimpu porque ele é qui nem um jogo. Um dia o sujeito ta meio péssimo, de repente encontra uma pedra boa, bamburra, qué dizê, nu garimpo u sujeito ta sempre sucessivi di inricá. Castanha num inrica ninguém.*”

Ferreira (1985) registra *bambúrrio*, como fortuna inesperada, acaso, sorte no jogo, enquanto Machado (1976), no verbete *bambúrrio*, indica v. *bambaleiar*, com acepção de mover-se de lá para cá, balançar. É o que ocorre com o bamburrista, sempre balançando entre a extrema pobreza e a fortuna inesperada, no garimpo.

No dizer de Pais (2005: 156):

A língua e seus discursos constituem, em conjunto, um processo semiótico. Um processo semiótico produz, sustenta e reflete o sistema de valores de uma comunidade humana, o sistema de crenças, o imaginário coletivo, o ‘saber compartilhado’ sobre o mundo.

Na visão de mundo dos castanheiros existe forte memória social, tradição oral e literatura oral: conservam-se ritos, hábitos e valores. Nota-se grande respeito pelas tradições, pela “herança social”, que além da linguagem, contém idéias, conhecimentos, técnicas etc. A “herança social” cresce por meio de um processo acumulativo, avoluma-se pela adição de novos conhecimentos, novas maneiras de comportamento, que são transmitidas de uma geração a outra.

Silva Neto (1976: 191) lembra que “não é menos certo, porém, que a herança social está continuamente sujeita a modificações. Pode receber novos elementos, mas também pode perder os que já possui.”

A possibilidade de “receber novos elementos”, mas em contrapartida “perder os que já possui”, gera uma tensão entre o conservadorismo e a inovação.

Essa oposição entre tradição e modernidade aparece explicitamente na fala dos informantes. Uma informante, inquirida sobre a equivalência entre “discansá” e “dar à luz”, negou enfaticamente o

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

emprego de “discansá”, afirmando que “pelo certo, se diz ganhá nenê”. No decorrer da conversa, porém, deixou escapar, inadvertidamente: “quando eu fui discansá do meu filho caçula...” Cobrada quanto à coerência, justificou-se: “discansá a gente falava outrora, nus tempus antigu. Agora, pelo muderno, a gente só fala ganhá nenê”. Confirma-se, portanto, a afirmação de Silva Neto (1976) acima referida.

Outro aspecto digno de nota na linguagem dos castanheiros é a consciência das suas especificidades. Inúmeras vezes os informantes diziam: “*issu, aqui pra nós, dá-si u nomi di...*” Outras vezes, mostravam a diversidade das denominações, esclarecendo: “*o qui nós chama aqui di jaó, lá no sul dá-si u nomi di macuco.*” O significado do verbo arriar, que equivale a transportar castanha, foi esclarecido por um dos informantes:

Arriá, qui si diz, é purque antigamente a castanha era transportada pelus rios, em batelões; muvido a ganchu, né? dipois nus barcus a mutô, dipois qui passô p’essi transporti terrestri, im tropa di burru, u nomi ficô. Outra, a castanha tá caino da castanhera, também si chama arriá. Tudu tem u sintido di vir pra baxo.

A diversidade lingüística foi também apontada com relação à linguagem da capital, Belém, chamada de “maré”. “*aqui nós fala assim, lá pra maré tem otru nomi*”.

Essa tensão entre especificidade e diversidade lingüística, entre identidade e alteridade, revela fatos do “saber compartilhado” pelos membros da comunidade. Vem a propósito a opinião de Pais (2006):

Tudo conduz a pensar que integra o “saber compartilhado sobre o mundo” dos membros de uma comunidade humana, o conhecimento, ainda que intuitivo, dessa oposição entre especificidade e diversidade, entre identidade e alteridade (a “consciência” ou o “sentimento” da distinção entre “nós” e os “outros”).

Dentre as peculiaridades da linguagem dos castanheiros avultam os neologismos e as especificações semânticas, processos de adaptação da língua ao contexto.

Por exemplo: *gongó* – calção, tipo bermuda; *juquirá* - capinzal, mato a ser roçado; *mangulão* – bolo de mandioca ralada; *milanga* - minhoca; *paco-paco* – barco a motor, evidentemente onomato-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

paico. Os neologismos semânticos ou mudanças de significados são muito mais numerosos: *cabeça-de-galo* – papa de leite de castanha cozida, diferente do *pubo*, papa crua de castanha com farinha de mandioca; *cara-de-vaca* – espécie de botina de couro; *discangotar* – fenecer, murchar; *faxinar* – roçar o mato; *meladero* - chuvisco, ga-roa; *pé-de-bode*- aparelho usado para coletar a castanha; *rebuço* - massa rala de cimento; *vira-mundo* – aparelho para transportar a caça grande abatida.

Barbosa (1979: 165-183) ensina:

As unidades do léxico são criadas segundo as necessidades e convenções de um grupo sociocultural e, paralelamente, condicionam a percepção e o conhecimento que os membros desse grupo têm do mundo.

As características da linguagem dos castanheiros apontam para um tipo de linguagem fechada, integrada à linguagem regional, também conservadora, que caracteriza a situação social, econômica e cultural dos membros dessa comunidade linguística.

CONCLUSÃO

A linguagem dos castanheiros de Marabá (Pará), tema de uma dissertação de mestrado de 505 páginas, foi aqui sucintamente analisada, do ponto de vista das relações linguístico-culturais.

Procurou-se situar a linguagem em seu contexto, apontando sua constituição e suas especificidades, justificadas, em parte, pelos aspectos histórico-culturais. Suas características foram demonstradas, na medida do possível, com exemplificação muito restrita, por força da exigüidade de espaço disponível.

A pesquisa de campo que serviu de base para a dissertação inquiriu 53 informantes, de ambos os sexos, entre 18 e 60 anos de idade. Provavelmente, com as inovações havidas no aspecto socio-cultural da região, muito se modificou a linguagem tal como foi observada e descrita.

Possivelmente, a linguagem dos castanheiros, como tantas outras linguagens de grupo, espalhadas pelas regiões do País, dentro de algum tempo poderá desaparecer, sucumbida ante a influência avassaladora dos meios de comunicação, que pouco a pouco alcançam as

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

mais recônditas localidades.

Em tal circunstância, este trabalho poderá servir apenas para estudos comparativos, além de ser uma pequena contribuição para a preservação da memória nacional.

BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, M. M. de. *Linguagem e cultura dos castanheiros da região de Marabá-Pará*. 505 p. Dissertação de Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa. FFLCH da Universidade São Paulo, 1985.

BARBOSA, M. A. Aspectos da produtividade léxica. *Língua e Literatura*, n° 8, p. 165-183, 1979.

DUBOIS, J. et alii. *Dicionário de Linguística*. São Paulo: Cultrix, 1978.

FERREIRA, Aurélio B. de H. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. *Dicionário de Semiótica*. São Paulo: Cultrix, [1981].

MACHADO, J. P. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 2ª ed. Lisboa: Confluência, 1976. 2 v.

PAIS, C. T. Considerações sobre a Semiótica das Culturas, uma ciência da interpretação: identidade, inserção cultural, transcódificações. *Cadernos do CNLF*, série X, n° 11, 2006.

———. Semiótica das Culturas: valores e saberes compartilhados. *Revista Brasileira de Linguística*. São Paulo: SBPL; Terceira Margem, vol. 13, n° 1, 2005, p. 155-172.

SAPIR, E. *Linguística como ciência*. Seleção, tradução, notas de J. Mattoso Câmara Jr. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1969.

SILVA NETO, S. da. *Introdução ao estudo da Língua Portuguesa no Brasil*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Presença; Brasília: INL, 1976.